A segunda «casa» de William

William Andem, guarda-redes do Boavista, é natural da República dos Camarões onde nasceu, há 36 anos, na cidade de Douala. Está no Porto desde 1997 e a sua adaptação à cidade, diz, foi muito fácil. O número um dos axadrezados é casado, tem três filhos e já considera o Porto como a sua segunda «casa».

Texto: Marta Almeida Carvalho
Fotos: Virgínia Ferreira

William chegou ao Porto há cerca de oito anos, vindo do Brasil, onde representou o Cruzeiro e o Bahia. O contacto com os brasileiros fez com que trouxesse conhecimentos da língua portuguesa, o que lhe facilitou a adaptação à cidade e ao Boavista. *"Desde o momento que cheguei fui sempre muito bem tratado pelos portuenses e isso fez com que não tivesse tido dificuldades de adaptação. Já conhecia a língua o que facilitou a comunicação"*, refere. A já longa relação que mantém com a cidade permite-lhe conhecê-la e admirá-la. *"O Porto é uma bela cidade e os portuenses são fantásticos. Já estou cá há alguns anos e, para mim, esta é já uma segunda casa"*, assegura. Actualmente mora em Gaia mas já residiu no Porto. A Ribeira e a Foz são os seus locais de eleição, uma vez que a presença do mar é fundamental para o jogador. William diz ser muito «caseiro» e talvez por isso não conheça intimamente o Porto. *"Conheço bem esses locais uma vez que são os destinos dos passeios com a família"*, explica. Não costuma andar a pé pela cidade e, por isso, não lhe conhece os recantos, mas confessa-se um seu admirador.

Adora a gastronomia nortenha, principalmente os pratos típicos da cidade. *"Quando vou almoçar ou jantar fora, nos restaurantes onde há, procuro sempre comer tripas à moda do Porto. De vez em quando opto pelas francesinhas. Gosto muito dos dois pratos"*, diz.

Dos portuenses destaca algumas características como a simpatia, a união e o facto de serem muito acolhedores. *"Foi uma das primeiras coisas de que me apercebi. Quando cá cheguei tive sempre o apoio de toda a gente, dentro e fora do clube e isso marcou-me muito"*, salienta.

De avançado a guarda-redes

William começou a jogar futebol como quase todos os miúdos – nos jogos de rua no bairro onde morava. Aos quinze anos ingressou na equipa principal do União de Douala, um clube da sua cidade natal. Jogava a ponta-de-lança mas acabou por ir parar à baliza. *"Comecei como avançado mas tecnicamente não era muito bom. Foi então que começaram a «empurrar-me» para a baliza"*, recorda com humor. A partir daí nunca mais deixou de defender as redes onde se mostrou um grande profissional. Passado algum tempo transferiu-se para a capital – Yaoundé – onde representou o Olympique Yaoundé. Rumou, depois, ao Brasil onde se manteve durante cinco anos a jogar no Cruzeiro e no Bahia. Em 1997 chegou ao Boavista por indicação de Mário Reis. A partir de então tem-se mantido no Bessa onde, diz, se sente muito bem. *"O Boavista é um clube fantástico, com um espírito muito próprio e é já uma das referências do futebol português"*, refere. William fez parte da equipa que conquistou o primeiro título nacional do Boavista e tem orgulho nisso. *"Os nossos objectivos, no início de cada época, são sempre os lugares que dão acesso às competições europeias"*.

Apesar desta época não ter sido das mais regulares para os axadrezados, a confiança da equipa não esmoreceu. A «chicotada» psicológica que sofreu a três jornadas do final do campeonato abalou um pouco os jogadores mas o trabalho continuou, apesar da saída de Jaime Pacheco que deu lugar a Pedro Barny, um homem da casa. Apesar das vicissitudes, de um certo desânimo e do momento menos próprio em que tudo aconteceu, o clube do Bessa não baixou os braços e continuou a sua entrega diária ao trabalho. *"Os jogadores sabem que isto, por vezes, acontece"*, diz. A época não foi das melhores para os lados do Bessa mas William acreditou no constante apoio dos adeptos. *"Foi uma época difícil e a actuação da massa associativa foi importante. Nós, jogadores tentámos dar o nosso melhor para que os adeptos fiquem contentes e, para isso, esperámos sempre o seu apoio"*, salienta.